

As quatro funções da escuta de Pierre Schaeffer e sua importância no projeto teórico do *Traité*

Davi Donato

PPGMUS – Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo

Resumo: Pierre Schaeffer – engenheiro, músico, escritor, inventor da música concreta – publicou em 1966 seu *Traité des objets musicaux*, resultado de uma pesquisa de pelo menos 15 anos realizada por seu grupo de pesquisas (GRM – *Groupe de Recherches Musicales*), onde o autor expõe sua busca por uma nova musicalidade generalizável, formulando uma teoria que viria substituir noções da teoria musical consideradas pouco apropriadas para as práticas musicais da época. A pesquisa de Schaeffer parte de uma investigação da escuta que tem a finalidade de formular um método de pesquisa que utilize a escuta como meio observação. Neste artigo irei discutir uma parte fundamental desta investigação: a teoria das quatro funções da escuta, exposta no livro II do *Traité*. Tentarei demonstrar como Schaeffer, partindo de um modelo complexo, vai isolar certos aspectos da percepção possibilitando que se chegue ao conceito de objeto sonoro e ao método da escuta reduzida, discutindo alguns pressupostos e implicações do modelo schaefferiano.

Palavras-chave: Escuta. Música Concreta. Percepção. Pierre Schaeffer.

Pierre Schaeffer's theory of four functions of listening and its importance in the theoretical project of the *Traité*

Abstract: Pierre Schaeffer – engineer, musician, writer, inventor of concrete music – published in 1966 his *Traité des objets musicaux*, the result of a research that ran for at least 15 years with the cooperation of his research group (GRM – *Groupe de Recherches Musicales*), in which the author present his pursuit for a new generalized musicality, formulating a theory that aimed to substitute notions of music theory considered inappropriate to the musical practices of the time. Schaeffer's research depart from an investigation on listening with the intent to lay down a research method that uses listening as a observation medium. In this article I'll discuss a fundamental part of that listening investigation: the theory of the four listening functions as exposed on book II of the *Traité*. I'll try to demonstrate how Schaeffer will, starting with a complex model, isolate certain aspects of perception making way to the concept of sound object and to the method of the reduced listening, discussing some o the assumptions and the implications of the schaefferian model.

Keywords: Listening. Concrete Music. Perception. Pierre Schaeffer.

Introdução

Pierre Schaeffer – engenheiro, músico, escritor, inventor da música concreta – publicou em 1966 seu *Traité des objets musicaux*, resultado de uma pesquisa de pelo menos 15 anos realizada por seu grupo (GRM – *Groupe de Recherches Musicales*), onde o autor expõe sua busca por uma nova musicalidade generalizável, formulando uma teoria que viria substituir noções da teoria musical consideradas pouco apropriadas para as práticas musicais da época. (SCHAEFFER, 1966: 17-19) A pesquisa de Schaeffer parte de uma investigação da escuta que tem a finalidade de formular um método de pesquisa que utilize a escuta como meio observação. Neste artigo irei discutir uma parte fundamental desta investigação: a teoria das quatro funções da escuta, exposta no livro II do *Traité*. Tentarei demonstrar como Schaeffer, partindo de um modelo complexo, vai isolar certos aspectos da percepção possibilitando que se chegue ao conceito de objeto sonoro e ao método da escuta reduzida, discutindo alguns pressupostos e implicações do modelo schaefferiano.

Funções da escuta

Pierre Schaeffer reconhece quatro funções que compõem a atividade de escutar. A língua francesa possui quatro verbos que são, em algum grau, sinônimos para escutar. O autor, então, se aproveita disto para relacionar cada um destes a uma das quatro funções de que vai tratar. Isto se

mostra uma enorme dificuldade para a tradução a outras línguas, ao menos para as línguas em que não há quatro verbos razoavelmente equivalentes, como é o caso da língua portuguesa.¹ Por isso optei, neste artigo, por manter os quatro termos no francês original, tratando os termos como conceitos, e assim evitando confusões.²

A associação dos quatro termos às funções não é arbitrária, Schaeffer vai ao dicionário buscar os possíveis significados relacionadas a cada termo, e a partir disso, flexibiliza os sentidos de cada palavra para chegar às seguintes definições:

1. *Écouter*, é emprestar o ouvido, interessar-se por. Eu me dirijo ativamente a alguém ou

¹ Por exemplo, a solução dada por John Dack em sua tradução inglesa do *Guide des Objets Sonores* (CHION, 2009): *comprendre* – *comprehending*; *écouter* – *listening*; *entendre* – *hearing*; *ouïr* – *perceiving*, não me parece satisfatória. Não apenas por conta do termo *perceiving* se aplicar a todo tipo de percepção, mas principalmente pelo fato das palavras em inglês não possuírem significados análogos aos termos originais em francês o que, ao longo do texto, faz com que se perca possíveis significados sugeridos, quando não causa uma confusão completa.

² Outra dificuldade de tradução vem do uso que Schaeffer faz de conjugações de cada um dos quatro verbos no corpo do texto, claramente escolhidos na medida em que o aspecto da escuta tratado no momento se aproxima mais de uma ou outra função. Por isso, nas citações que utilizo aqui a cada vez que aparecer algum dos quatro verbos, farei a tradução que achar apropriada (sem me comprometer com uma palavra portuguesa específica para cada função), porém colocarei sempre entre colchetes o verbo no original francês, para possibilitar que todas as indicações de funções da percepção apareçam claramente.

alguma coisa que me é descrito ou aludido por um som.

2. *Ouïr* é perceber pelo ouvido. Por oposição a *écouter* que corresponde a uma atitude mais ativa, aquilo que eu ouço [*ouïs*], é aquilo que me é dado pela percepção.

3. De *entendre*, reteremos o sentido etimológico: "ter intenção". Isto que percebo [*entend*], isto que me é manifesto, é função dessa intenção.

4. *Comprendre*, tomar para si, traz uma relação dupla com *écouter* e *entendre*. Eu percebo [*comprend*] isto que eu miro com minha escuta [*écoute*], graças àquilo que eu escolhi escutar [*entendre*]. Mas, reciprocamente, aquilo que eu já percebi [*compris*] dirige minha escuta [*écoute*], informa o que percebo [*entends*]. (SCHAEFFER, 1966: 104)

A função *écouter* está relacionada à busca por uma causa do som ouvido, algo material, de existência física, por isso o autor diz que se dirige a "alguém ou alguma coisa". *Ouïr* se refere à escuta do fundo sonoro, em oposição a um objeto discernível. *Entendre* diz respeito à seleção intencional de aspectos da escuta, e, portanto funciona em articulação com as outras funções. *Comprendre* trata da função que faz associações a conhecimentos e

experiências previamente adquiridos.

Logo fica claro que as quatro definições só podem ser entendidas em conjunto, pois além de serem complementares funcionam simultaneamente, sempre em cooperação. Schaeffer segue elaborando a definição de cada função aos poucos. Este é um detalhe importante da maneira como o autor escolhe apresentar este modelo. Começando pelo significado retirado do dicionário ele vai aos poucos, através da reflexão sobre exemplos específicos, aprofundando a diferenciação entre os quatro conceitos, para enfim chegar de fato a quatro funções mais claramente distintas (como as descrevi no parágrafo anterior). Este método de exposição reforça o entendimento de que, de uma atividade contínua (a escuta), o autor destaca estes quatro aspectos.

Seguirei citando algumas das descrições das funções no intuito de esclarecê-las.³ Começando com *ouïr*: "eu não paro jamais de ouvir [*ouïr*]. Eu vivo em um mundo que nunca deixa de estar lá para mim, e este mundo é sonoro, assim como tátil e visual." (SCHAEFFER, 1966: 105) *Ouïr* não é "ser atingido por sons que chegam ao meu ouvido sem alcançar minha consciência. É por sua testemunha [a da função de

³ Considerando que este artigo se propõe a uma análise do texto de Schaeffer julguei necessária a inclusão de citações em um número que pode parecer excessivo, mas que, tendo em vista a inacessibilidade de uma tradução do *Traité* para o português, se mostra imprescindível para o entendimento de minha análise por um público mais abrangente.

ouïr] que o fundo sonoro possui uma realidade.” (SCHAEFFER, 1966) Já *écouter* é a função que não se interessa pelo som propriamente dito, mas sim, por seu intermédio, visa outra coisa que não ele [o som]. (SCHAEFFER, 1966: 106)

A função *entendre* é definida, no Tratado, em relação às outras funções, primeiramente a *ouïr*:

Começamos por observar que me é praticamente impossível não exercer seleções dentre o que ouço [*ouïs*]. O fundo sonoro não é anterior; ele não existe a não ser em um conjunto organizado onde tem seu papel. Enquanto eu estou ocupado por aquilo que vejo, aquilo que penso ou aquilo que faço, eu vivo de fato em um ambiente indiscernível, percebendo muito pouco além de uma qualidade global. Mas se permaneço imóvel, os olhos fechados, a mente vazia, é bem provável que eu não mantenha por mais que um instante uma escuta imparcial. Eu localizo os ruídos, eu os separo, por exemplo, em ruídos próximos ou distantes, vindos de fora ou de dentro do aposento, e, fatalmente eu começo a privilegiar uns em relação a outros. (SCHAEFFER, 1966: 107)

Entendre, portanto, quer dizer fazer escolhas dentro do todo da percepção, ressaltar certos aspectos, daí a relação com intencionalidade apontada anteriormente. Segue a definição de *comprendre*:

Enfim, posso tratar o som como um *signo*, introduzindo-me em um certo domínio de valores, e me interessar pelo seu *significado*. O exemplo mais característico, claro, é aquele da palavra. Trata-se, portanto de uma escuta semântica, orientada sobre signos semânticos. (SCHAEFFER, 1966: 115-116)

Nesta próxima citação *entendre* aparece em relação com *écouter* e já também evocando o *comprendre*:

quando vejo uma casa, situo-a na paisagem. Mas se continuo a me interessar, examinarei ora a cor da pedra, sua matéria, ora a arquitetura, ora o detalhe de uma escultura acima da porta, retornarei em seguida à paisagem, em função da casa, para constatar que ela tem uma “bela vista”, eu irei vê-la novamente em seu conjunto, como fiz no início, mas minha percepção estará enriquecida por minhas investigações precedentes, etc. Está, além disso, quase fora

do meu poder vê-la com o mesmo olho que se fosse uma rocha ou uma nuvem. É uma casa, uma obra humana, concebida para abrigar humanos. É em função deste significado que eu a olho e aprecio. E minha investigação, assim como minha apreciação, serão igualmente diferentes, na medida em que meu olho seja de um futuro proprietário, de um arqueólogo, de um andarilho ou de um esquimó conhecedor de iglus. (SCHAEFFER, 1966: 108-109)

A função *comprendre* abre espaço para a multiplicidade de sujeitos ouvintes e implica no entendimento da escuta como uma atividade construída, quer dizer, em constante transformação pela experiência própria. Como a função *comprendre* influencia as outras funções (como vimos na citação acima), esta qualidade de construção constante obviamente não atinge apenas as relações semânticas, mas sim toda a escuta. É também a função *comprendre* que possibilita a relação com outros sentidos – pois fica claro que além destas quatro escutas existem de forma análoga quatro visões, quatro olfatos, etc. (SCHAEFFER, 1966: 113) –, *comprendre*, por se referir a conjuntos de significados, transcende o domínio de um sentido particular, pois o conhecimento não é específico de sentido algum:

eu posso perceber [*comprendre*] a causa exata daquilo que eu ouvi [*entendu*] colocando-o em relação com outras percepções, ou por um conjunto mais ou menos complexo de deduções. Ou ainda, posso perceber [*comprendre*] por intermédio de minha escuta [*écoute*] alguma coisa que tem com aquilo que percebo [*entends*] não mais que uma relação indireta: eu constato de uma só vez que os pássaros se escondem, que o céu está baixo, que o calor está opressivo, e percebo [*comprendre*] que vai cair uma tempestade. [SCHAEFFER, Pierre. *Traité des objects musicaux: essai interdisciplines*. Paris: Éditions du Seuil, 1966, p. 17-19]. (SCHAEFFER, 1966: 110)

A identificação da fonte sonora através da associação com a visão também pode ser entendida como uma dedução via a função *comprendre*.

É interessante notar como quando Schaeffer passa para exemplos concretos, aparece mais claramente o quanto as funções cooperam, parecendo impossível descrever qualquer caso concreto através de uma só função. A seguir me permito uma citação relativamente longa, mas que vale pelo interesse do caso descrito

para se pensar estas relações entre funções:

Eu escuto [*écoute*] um carro, eu o localizo, estimo sua distância, eventualmente reconheço a marca. Que digo eu do ruído que me forneceu este conjunto de informações? A descrição que eu faria dele, se me fosse requisitada, seria tanto mais pobre quanto mais indubitável e rapidamente ele [o ruído] me haverá informado.

Por outro lado, é precisamente ao ruído do carro que eu empresto o ouvido se o carro é meu e se me parece que o motor faz um "barulho estranho". Mas minha escuta continua utilitária, pois procuro inferir informações sobre o funcionamento do motor: na incerteza em que estou em relação às causas, sou forçado a passar primeiro por uma análise dos efeitos.

Enfim, posso escutar [*écouter*], como havia prometido inicialmente, sem outro objetivo além de *melhor perceber* [*entendre*]. Esta análise, que neste momento se impõe como uma etapa, torna-se ela mesma seu objetivo. Voltado para o acontecimento, eu me seguro a minha percepção, eu a utilizo sem tomar

conhecimento. Agora, eu recuo em relação a ela [a percepção], eu paro de fazer uso dela, eu estou *desinteressado*. Ela pode então aparecer para mim, *tornar-se objeto*. Escutar [*Écouter*] aqui ainda é mirar, através do som instantâneo propriamente, uma outra coisa que não ele: um tipo de "natureza sonora" que se entrega diante do todo de minha percepção. (SCHAEFFER, 1966: 106-107)

A função *ouir* está sempre presente por razões óbvias. Mesmo que se esteja prestando atenção a algo o fundo sonoro está sempre lá, sendo também ouvido e permitindo que se escute algo de específico selecionado por *entendre* como numa relação figura e fundo. A busca pela fonte [*écouter*] não fica suspensa quando há intenção de destacar algo [*entendre*] ou associação a um conjunto semântico [*comprendre*] e pode inclusive ser informada por ou informar alguma destas duas. Da mesma forma se interessar por algum aspecto específico não exclui busca da causa, e a semantização depende deste algo a que o ouvinte se interessa ou da fonte causal para se realizar. Nestas situações reais fica claro o quanto todas as quatro funções estão sempre envolvidas no processo de escuta. Apenas em um momento de abstração, por exemplo, expondo um ponto teórico, é possível separar as quatro.

A teoria das quatro escutas como exposta por Schaeffer não

faz sentido algum a não ser que se valorize sempre esta mistura. Numa situação em que não se vê o que está causando o som, a busca pela causa necessariamente passa por prestar atenção a certos aspectos do som tornando-o um objeto [*entendre*] e também pela associação a um conjunto de significados previamente adquiridos [*comprendre*] para então se chegar ao que causou este som. O exemplo dado por Schaeffer na citação acima, do motor de carro fazendo um barulho diferente demonstra essa situação perfeitamente: o som do carro que, para ele, em princípio estaria no plano de fundo, ao apresentar alteração chama sua atenção – processo este que se dá através da função que Schaeffer chama de *entendre*. O ouvinte vai então comparar os detalhes deste objeto-som que está ouvindo com o seu conhecimento prévio de motor [*comprendre*]. Chamo a atenção aqui para o fato de que a alteração no som para ser percebida já havia necessitado do recurso ao *comprendre*, pois só se sabe que o som está diferente tendo o conhecimento de como ele deveria ser. Assim como o *entendre* teria que estar já presente para qualificar o som e notar a mudança, ficando clara, portanto que a cooperação das funções.

Neste exemplo fica evidente também o quanto *comprendre* e *écouter*, no limite, até se confundem, pois esta associação da alteração no som com algo previamente conhecido será a própria descoberta da causa do som. A busca da causa [*écouter*], especialmente na situação acusmática – quando a causa não

está visível –, muitas vezes aparece intimamente ligada à associação com conhecimentos prévios [*comprendre*] de tal maneira que fica difícil dizer onde acaba uma função e começa a outra. A diferença principal entre as duas segundo Schaeffer é que *écouter* se refere a algo material que posso tocar, ou ver, enquanto *comprendre* se refere a significações abstratas, códigos linguísticos por exemplo.

Vejo esta mesma combinação de funções quando, por exemplo, ouço uma gravação de música clássica e reconheço qual instrumento da orquestra está tocando qual parte, ou ainda ouço uma gravação de música popular e reconheço o uso de *reverb* na voz da cantora. Em ambos os casos, se os penso nos termos do modelo, tenho as mesmas três funções – *écouter*, *entendre*, *comprendre* – novamente em conjunto, e claro que, enquanto isso, a função de *ouir* não foi “desligada”, apenas seu objeto não foi contemplado nesta análise parcial, mas está presente enquanto escuta de um fundo que possibilita a percepção de uma figura.⁴

Para evitar mal entendidos, Schaeffer deixa claro em diversos momentos que descrições deste tipo, da percepção através das quatro funções, não implicam numa sucessão cronológica de percepções, tudo se dá ao mesmo tempo. O entendimento das quatro escutas como modos independentes levaria a este outro equivoco: de que haveria uma sucessão de escutas no tempo.

⁴ A proximidade com a Gestalt é explicitada por Schaeffer no livro IV do *Traité*.

Pensar desta maneira nos levaria a crer, por exemplo, que a alteração no som do motor “chama” a função *entendre* para tomar lugar da *ouïr*, quando isto não seria possível, pois como disse acima, a alteração só é percebida através das funções *entendre* e *comprendre*, senão nem seria identificada como alteração. As quatro escutas estão sempre ali, mesmo que aparentemente em estado latente. Até porque as quatro de fato são uma só.

No espírito de uma descrição bastante empírica daquilo que se passa quando se *escuta* vamos propor um tipo de quadro de formas diversas da atividade do ouvido. Do mais ao menos elaborado, de fato, *ouïr*, *entendre* e *comprendre* nos sugerem um itinerário perceptivo progredindo de etapa em etapa. Não é nossa intenção aqui decompor a escuta em uma sequência cronológica de eventos decorrentes uns dos outros como os efeitos decorrem das causas, mas, com um propósito metodológico, descrever os objetivos que correspondem a funções específicas da escuta. (SCHAEFFER, 1966: 113)

Portanto, a teoria das quatro escutas de Schaeffer me parece uma interessante maneira de se pensar estes fenômenos, tomando-se o cuidado de não perder de vista suas limitações próprias de uma construção discursiva que

abstrai experiências reais sem nunca poder substituí-las ou propriamente explicá-las (ao menos não no sentido em que se explica um mecanismo fisiológico). Sendo a sua função somente facilitar a reflexão sobre o processo de escuta de uma maneira sistematizada. O que acaba tornando seu uso desinteressante e engessado é quando o texto é lido de forma que se negue a fluidez do modelo, assim como a abertura e multiplicidade que estão bastante explícitas na descrição da função *comprendre* (e que, me parece, são de fato os aspectos mais interessantes desta proposta)⁵. O uso deste modelo para análise musical, por exemplo, seria uma armadilha – ao menos aos que pretendem uma análise de tipo generalizável. Pois o que o modelo mostra com mais clareza é exatamente a impossibilidade de se supor uma escuta geral.

Enquadrando as funções da escuta

Em um esforço de sistematização de seu modelo, Schaeffer propõe um quadro em que cada setor representa uma das quatro funções:

⁵ Exemplos de leituras que, em minha opinião adotam este viés podem ser vistas em: KANE, 2007; THORESEN, 2012.

**Quadro 1: Funções da escuta
(SCHAEFFER, 1966: 116)**

<p>4. <i>Comprendre</i> – para mim: signos – diante de mim: valores (sentido-linguagem) Emergência de um conteúdo do som e <i>referência, confrontação</i> a noções extra-sonoras.</p>	<p>1. <i>Écouter</i> – para mim: índices – diante de mim: evento exterior (agente-instrumento) <i>Emissão</i> do som</p>	1 e 4: objetivo
<p>3. <i>Entendre</i> – para mim: percepções qualificadas – diante de mim: objeto sonoro qualificado <i>Seleção</i> de certos aspectos particulares do som.</p>	<p>2. <i>Ouïr</i> – para mim: percepções brutas, esboços do objeto – diante de mim: objeto sonoro bruto <i>Recepção</i> do som.</p>	2 e 3: subjetivo
3 e 4: abstrato	1 e 2: concreto	

Cada um dos quadrantes apresenta três descrições, uma tratando do que o som é para o ouvinte (“para mim”) em cada caso, outra do objeto percebido (“diante de mim”), e por fim uma descrição da função.

Após apresentar o quadro Schaeffer insiste em pontos já salientados aqui, afirmando que da divisão e numeração não deve ser inferida a existência de uma cronologia, ou que este seja um esquema ao qual a percepção iria se conformar. Diz ainda que passar de um setor a outro quando se busca uma descrição lógica é apenas um artifício de exposição, não implicando em sucessão temporal no ato da percepção. (SCHAEFFER, 1966: 117)

Apesar das ressalvas, representar o modelo como um quadro talvez não seja a melhor opção, pois a separação em quadrantes parece subjugar todo o discurso favorável à mistura das funções que vinha sendo construído pelo autor. Não por acaso é comum encontrar textos que, ao fazerem referência ao modelo, apresentam-no de maneira bem mais rígida e inerte, deixando de lado a fluidez, a pluralidade e o caráter de constante transformação que neste trabalho estou tentando valorizar⁶. No entanto, variações deste quadro seguem sendo utilizadas ao longo do resto do *Traité*, além da própria capa do livro ser uma espécie de interpretação deste quadro em imagens (SCHAEFFER, 1966: 116, 155), o que certamente indica uma importância central para o projeto. Dito isto, fica evidente, em suas diversas aparições ao longo da *Traité*, que o quadro ajuda Schaeffer a sistematizar suas ideias sobre a escuta e apresentá-las em forma de texto (veremos a seguir que o autor passa a se referir aos quatro quadrantes com grande frequência). Sendo assim, talvez o quadro seja uma saída aceitável, se lido com o devido cuidado.

A repetição de experiências conjuntas como caminho para a objetividade

Schaeffer acredita que:
 [a percepção procede]
 por sucessivos esboços,
 sem jamais esgotar o

⁶ Para exemplos ver os já mencionados na nota anterior: KANE, 2007; THORESEN, 2012.

objeto, na multiplicidade de nossos conhecimentos e de nossas experiências anteriores (em função da qual o objeto se apresenta de uma vez com diferentes sentidos ou significações), e na variedade de nossas intenções de escuta, daquilo para o qual nos voltamos. (SCHAEFFER, 1966: 109)

Quando a experiência é repetida – por exemplo, ouvindo um gravador ou um sulco fechado de um toca-discos – esta percepção em “sucessivos esboços” vai acrescentando aspectos ao objeto percebido, aproximando-o de um objeto mais completo, que contém em virtualidade todas as percepções possíveis. No entanto quando há diversos ouvintes reunidos em torno de uma fonte que reproduz um som:

[eles] não percebem [entendent] todos a mesma coisa, não selecionam nem apreciam o mesmo, e na medida em que suas escutas tomam partido por um ou outro aspecto particular do som, ela leva a uma ou outra *qualificação do objeto*. Tais qualificações variam, assim como a função *entendre*, em função de cada experiência anterior e de cada curiosidade. Portanto, o objeto sonoro único, que torna possível esta multiplicidade de aspectos qualificados do

objeto, subsiste sob a forma de um halo, pode-se dizer, de percepções nas quais as qualificações explícitas são implicitamente referência. (SCHAEFFER, 1966: 115)

Este objeto que existe sob forma de halo é o “objeto sonoro bruto”, que se oferece a função *ouïr* como fonte de percepções possíveis.

Neste contexto, de uma percepção que é sempre parcial em comparação com o objeto possível, e variada dentre os diversos ouvintes, a única possibilidade de acordo, ou seja, de uma objetividade intersubjetiva, é através da repetição de experiências dirigidas feitas em conjunto:

escutas coletivas de objetos novos provavelmente manifestarão, de saída, divergências importantes entre os diversos ouvintes. É apenas com a sequência de um grande número de escutas reiteradas, permitindo uma exploração dirigida da experiência perceptiva a cada nível, ao mesmo tempo coletiva e individualmente, que os ouvintes poderão compartilhar resultados. Assim, sucederá a um tipo de exposição que esgotará, no limite, as virtualidades do setor 2 (objeto sonoro bruto): uma certa objetividade, ou ao menos um certo

número de acordos intersubjetivos vai então emergir do confronto de observações.
(SCHAEFFER, 1966: 118)

Objetivo-subjetivo; concreto-abstrato

De acordo com características do objeto de cada função da escuta, Schaeffer as classifica em *subjetivo* ou *objetivo* e *concreto* ou *abstrato*. São considerados subjetivos *ouïr* e *entendre*, pois “cada um percebe [*entend*] o que pode”, e “a possibilidade de perceber [*entend*] alguma coisa pré-existe no setor 2 [*ouïr*]”. E classifica como objetivos – vale lembrar mais uma vez que para Schaeffer objetivo é sempre o mesmo que intersubjetivo – *écouter* e *comprendre*, pois, “existem signos (sonoros, musicais) de referência (setor 4) e técnicas de emissão de som (setor 1) próprios a uma civilização determinada, e então objetivamente presentes em um contexto sociológico e cultural”. Ainda segundo o autor:

na experimentação científica encontra-se, correspondente aos setores 2 e 3, observações que dependerão estreitamente dos observadores, opondo-se ao conjunto de conhecimentos cujas observações são transmitidas (4) a fim de conduzir a uma explicação ou a uma determinação do evento

(1). (SCHAEFFER, 1966: 119)

Portanto, Schaeffer considera objetivo aquilo que em experiências demonstra concordância entre indivíduos, e subjetivo o que apresenta variações. Pergunto-me se este tipo de experiência seria realmente possível. Por exemplo, como as funções seriam isoladas já que estão sempre em constante cooperação? Schaeffer descreve em detalhe outras de suas experiências envolvidas na pesquisa para o *Traité*, enquanto desta, não há nenhum tipo de detalhamento.

Acredito que Schaeffer, na realidade, fundamenta sua classificação na crença de que signos e referências causais são razoavelmente compartilhados dentro de uma determinada sociedade, e, portanto poderiam ser considerados intersubjetivos. Por outro lado, a função *entendre*, como envolve seleção e apreciação, e *ouïr* que me parece ser definida pelo que sobra da *entendre* (afinal se o setor *ouïr* é onde se encontram as possibilidades para *entendre*, posso concluir que o que lhe resta é o que a função *entendre* não seleciona ou aprecia), parecem ambas se adequar mais à classificação de subjetivas.

Já o outro par de conceitos se alinha da seguinte forma: tanto a “escuta qualificada ao nível subjetivo” [*entendre*] quanto “valores e conhecimentos que emergem ao nível coletivo” [*comprendre*], consistem em reter do objeto apenas qualidades, que permitem que o coloque em

relação com outros objetos, ou de referi-lo a sistemas de significados, por isso se voltam ao domínio do abstrato. Nos setores 2 e 3 que tratam de

todas as virtualidades de percepção contidas no objeto sonoro [*ouïr*], ou de todos os referentes causais contidos no evento [*écouter*], a escuta se volta para o concreto dado, como tal, inesgotável, assim como particular [...] Em toda a escuta se manifesta a confrontação, de um lado, entre um *sujeito* receptivo dentro de certos limites e uma *realidade objetiva*; de outro, *valorizações abstratas*, qualificações lógicas que se destacam do *concreto dado* que tende a se organizar em torno delas sem, portanto jamais se deixar reduzir. (SCHAEFFER, 1966: 119)

A expressão “realidade objetiva” na citação acima obviamente se refere mais uma vez à intersubjetividade. No entanto a oposição proposta desta com o sujeito é questionável. A virada que o pensamento fenomenológico – linha de pensamento com a qual Schaeffer flerta em diversos pontos do *Traité*, ainda que o flerte não se torne de modo algum uma filiação ortodoxa – traz com a compreensão de que a objetividade seria na realidade intersubjetiva tem como decorrência mais importante justamente a quebra desta dicotomia. É a subjetividade

que, quando entra em contato com o outro, torna possível a emergência de uma intersubjetividade. Sendo assim, como as duas poderiam ser opostas?

A oposição entre concreto e abstrato também me parece problemática. A função principal do conceito *ouïr* na teoria de Schaeffer me parece ser assegurar a existência de um todo concreto irreduzível a índices, signos e quaisquer qualificações abstraíveis (via *entendre*). Denota uma crença essencialista. Este todo concreto, pela maneira como o entendo, não está no mundo que a física descreve, mas sim no mundo percebido – o que é bastante óbvio já que é ouvido por nós. Portanto neste caso, concreto se refere à fonte de possibilidades de abstração.

É o que permanece idêntico através do “fluxo de impressões” diversas e sucessivas que tenho, na medida em que minhas diversas intenções lhe concernem. A segunda característica principal do objeto percebido é de se mostrar através de esboços: no objeto sonoro que escuto, há sempre mais a perceber [*entendre*]; é uma fonte de potencialidades jamais esgotada. (SCHAEFFER, 1966: 115)

Já em relação às referências causais, a associação ao termo concreto não me parece tão clara. Segue a descrição de Schaeffer:

Eu trato o som como um índice, que me relata alguma coisa. É sem dúvida o caso mais frequente, pois corresponde a nossa atitude mais espontânea, ao papel mais primitivo da percepção: informar um perigo, guiar uma ação. Em geral a identificação do evento sonoro ao seu contexto causal é instantânea. Mas pode acontecer também dos índices estarem dúbios, de maneira que não se produz a não ser após diversas comparações e deduções. A curiosidade científica, mesmo que pondo em jogo conhecimentos altamente elaborados, possui uma finalidade fundamentalmente similar àquela da percepção espontânea do evento. (SCHAEFFER, 1966: 114-115)

A função *écouter*, em princípio, refere-se a um objeto tangível, mas será que isto apenas o caracteriza como concreto que "jamais se deixa reduzir"? Isto me leva a uma questão mais ampla, que é a definição do objeto associado à função *écouter*. Seria a causa do som um objeto material (um instrumento ou um instrumentista) ou uma ação (tocar o instrumento)? Se a resposta fosse que a causa é apenas o objeto material, entenderia a associação ao "concreto" entendido como uma indicação da materialidade, porém Schaeffer

deixa claro que a noção de causa envolve várias outras coisas associadas à emissão do som (pensando num exemplo musical: não só qual o instrumento ou quem o toca, mas também detalhes sobre a técnica, tipos de articulação, etc.). Na citação acima o autor fala de uma "finalidade fundamentalmente similar", mesmo que envolva "conhecimentos altamente elaborados", mas me parece que há uma grande área cinzenta entre *écouter* e *comprendre*.

Talvez seja um problema do discurso verbal, pois tratando de um som vibrato, por exemplo, ao ser descrito como tal, a qualidade de vibrato deixa de ser concreta (experimentada de fato) e passa a ser abstrata (ideia imaginada). O concreto na verdade não é descritível enquanto tal, por isso ao elaborar um discurso torna-se difícil separar um do outro. A concretude só existe na experiência. Porém, acredito que a identificação do vibrato na escuta também passa por uma relação com conhecimentos previamente adquiridos, por isso acredito haver uma impossibilidade de separação total entre as funções mesmo que conceitualmente.

Já na outra ponta, a relação com o termo "abstração" é mais clara para a função *entendre*, que, ao fazer seleções, ressalta certos aspectos em detrimento de outros, aproximando-se mais claramente da noção de abstrair algo de um todo previamente existente. Em relação ao objeto da função *comprendre*, entendo a classificação como abstrato pensando em referência a um todo concreto (objeto do *ouïr*), onde a

significação percebida é apenas uma das possibilidades. Presumo que, como *ouïr* comporta todas as possibilidades de *entendre*, e a função *comprendre* depende de *entendre* para relacionar percepções qualificadas a conjuntos de significados, o objeto da função *ouïr* comporta também todas as possibilidades da função *comprendre* em estado latente. Porém, a causa (objeto da *écouter*) não seria também uma abstração neste sentido? A percepção da causa não se dá também através de seleções de aspectos que a identifiquem, mesmo que estes aspectos sejam apenas a localização percebida do som no espaço aliada à visão? E a localização não faz parte das possibilidades presentes em *ouïr*? Sendo assim, por que *écouter* está no lado concreto e não no abstrato? Como dito no parágrafo acima, é possível que Schaeffer esteja neste ponto se apegando à existência material dos instrumentos e agentes que causam sons. Porém, pergunto-me se não há uma oposição dentro-fora – ou sujeito-objeto – transparecendo no pensamento de Schaeffer – já que me parece que a única diferença entre os objetos de *comprendre* e *écouter* é que o primeiro seria coisa mental, intangível, não localizável no espaço cartesiano enquanto o segundo posso ver, apontar, tocar, etc. Neste caso, ou há uma mudança no significado do termo “concreto”, em relação ao “concreto” da função *ouïr*, no momento em que este serve para classificar a função *écouter*, ou meu entendimento do objeto do *ouïr* estava equivocado, sendo o

objeto correto o som externo, fenômeno físico, o que não faria sentido já que *ouïr* é uma função da percepção. Parece-me haver alguma confusão insolúvel neste ponto, os eixos abstrato-concreto e subjetivo-objetivo, quando aplicados ao quadro parecem não colaborar na compreensão das funções.

O modelo de Schaeffer me interessa na medida em que evidencia a multiplicidade de aspectos da percepção, assim como as transformações trazidas por experiências vivenciadas. Portanto apontar diferentes funções é importante por trazer esta sugestão de variedade, mas a sistematização rígida demais destes aspectos me parece limitador e inclusive inaplicável a qualquer situação real. Por mais que em alguns momentos Schaeffer pareça se incline a esta rigidez, ao fazer um quadro a cruzar eixos entre as funções, em outros aponta de maneira bastante clara para uma fluidez do modelo. E é este último Schaeffer que me interessa valorizar.

Tendências características da escuta (natural-cultural; banal-especializada)

Schaeffer descreve quatro tendências características da escuta (também chamadas de atitudes de escuta), que se opõem em dois pares, onde cada uma faz uso mais acentuado de uma das quatro funções.

A atitude *natural* se volta para informações sobre o evento: é a atitude mais primitiva “comum não somente a todos os homens [...] mas também aos animais”.

Esta tendência tem sua finalidade localizada no setor 1 (*écouter*), sendo particularmente sensível no setor 2 (*ouïr*), portanto relacionada aos quadrantes “concretos”. Em oposição a ela, a atitude *cultural* dá prioridade ao setor 4 (*comprendre*), apoia-se em convenções que podem ser explícitas como a linguagem, ou implícitas como o “condicionamento aos sons musicais”. Utiliza também o setor 3 (*entendre*) que faz seleções de elementos significativos dentre o todo. Esta tendência Schaeffer chama de *cultural* por evidenciar diferenças entre sociedades, e está mais ligada aos quadrantes “abstratos” do quadro. (SCHAEFFER, 1966: 120-121)

O outro par é o formado pelas escutas *banal* e *especializada* (também chamada de profissional) cuja função é:

marcar a diferença de competência na escuta, de qualidade da atenção, e também a confusão de intenções da escuta banal, enquanto a escuta especializada escolhe deliberadamente, dentre a massa de coisas a escutar [*écouter*], aquelas que irá perceber [*entendre*] e elucidar. (SCHAEFFER, 1966: 121)

Enquanto a escuta especializada seleciona bem o que quer ouvir, a escuta banal teria como vantagem um caráter de universalidade e de intuição global, que se perdem na atitude oposta. A tendência especializada é descrita com um exemplo:

Tomemos um físico da acústica, um músico e...

um índio do Far Oeste. O mesmo galope de cavalo será percebido [*entendu*] por eles de maneiras bastante diferentes. Então, o físico receberá uma ideia da constituição do sinal físico (faixa de frequência, enfraquecimento devido à transmissão, etc.); o músico chega espontaneamente aos grupos rítmicos; o Pele-Vermeilha vai assinalar o perigo de uma aproximação hostil, mais, ou menos, numerosa ou distante. (SCHAEFFER, 1966: 122)

Este exemplo, bastante caricato, deve ser encarado como tal: um exagero para demonstrar um ponto teórico. E não como a descrição de uma possível situação real. Por exemplo, o fato de um indivíduo ser físico não define por si só sua escuta. Schaeffer em outros pontos se coloca explicitamente contra este tipo de relação determinista, portanto me parece razoável supor que não era esta a intenção. A função deste trecho no texto me parece ser ilustrar a pluralidade e o caráter de construção da escuta, que são as principais características da escuta especializada.

Enquanto, segundo Schaeffer, a escuta banal se concentra no setor 2 (*ouïr*), podendo eventualmente ir ao setor 1 (*écouter*), porém apenas superficialmente, a escuta especializada se concentra no setor 3 (*entendre*) indo também ao 4 (*comprendre*). A função *comprendre* seria encarregada do conhecimento dos significados,

mas é na *entendre* que a habilidade de reconhecê-los se desenvolve.

Schaeffer tenta fazer uma relação com o par de conceitos objetivo-subjetivo, de maneira análoga com que fez com as escutas natural e cultural e o par concreto-abstrato, porém encontra dificuldades:

é necessário desafiar os termos objetividade e subjetividade, se se pretende aplicar o primeiro à escuta especializada e o segundo a banal. Pois pode-se perfeitamente sustentar o contrário: que a escuta banal permanece mais aberta ao objetivo (ainda que o sujeito seja pouco competente), já que a escuta especializada é marcada profundamente pela intenção do sujeito (ainda que sua atividade seja voltada a objetos precisos) (SCHAEFFER, 1966: 122)

Nesta citação fica bastante claro como é confusa a utilização dos termos objetivo e subjetivo por Schaeffer quando, aparentemente, "objetivo" deixa de se referir à intersubjetividade, como vinha sendo até então, e passa a significar voltar-se a "objetos precisos", enquanto subjetivo passa a ter o sentido de não ter capacidade para mirar tais objetos. São duas oposições bastante distintas, confundidas numa mesma terminologia.

Esta questão da definição precisa de um objeto ainda gera outro problema no pensamento de

Schaeffer, que é a suposição de especialidades compartilhadas bastante determinadas, como se, por exemplo, todo o músico ouvisse música da mesma forma, quando basta pensar na variedade da música de concerto do Séc. XX, por exemplo, para ter um forte indício de que isto não necessariamente é verdade. Este problema me parece levar à falsa conclusão de que a objetividade na definição e detalhamento do objeto é mais importante que a multiplicidade de especialidades que me parece inerente à escuta:

cada escuta especializada não resulta apenas de um Mecanismo de adestramento, mas de uma propriedade da escuta propriamente dita. Em resumo, afirmamos que só se percebe [*entend*] aquilo que se tem a intenção de perceber [*entendre*], cada especialista mira um objeto diferente. Compreende-se então neste sentido que nós não insistamos sobre a subjetividade dos sujeitos (evidente pelo treinamento necessário a uma prática eficaz), mas sobre a objetividade dos objetos detalhados pelas competências particulares.

(SCHAEFFER, 1966: 140)

A escuta especializada se define em relação à banal. Portanto, mesmo em se tratando de *uma* especialização específica, o grau em que esta ocorre não é fixo, existem níveis de especialização diferentes, então

toda a escuta especializada é também escuta banal em relação a um nível de especialização mais alto que o dela:

O especialista se isola em relação ao mundo de significações banais originando-se no setor 3; mas fazendo isso, ele institui um novo mundo de significações, as quais por sua vez, colocadas em confronto com um novo setor 3 de sutilezas de percepção – finezas estas que o hábito consagra imediatamente a banalidade – que constituem talvez o germe do desenvolvimento de outras práticas auditivas ulteriores. Assim, a oferta de qualificações é ilimitada. Dito de outro modo, toda escuta especializada sugere atenções especiais que a tornarão banal. (SCHAEFFER, 1966: 125)

Esta relativização da especialização corrobora um entendimento de uma multiplicidade mesmo dentro de uma especialidade comum e bem delimitada. Para Schaeffer, no entanto, isto se torna um problema, pois, esta variância de escutas impossibilita que sua busca por uma musicalidade geral se fundamente em práticas já definidas:

se a atividade auditiva do especialista é assim chamada a passar ela própria por uma perpétua renovação da

escuta, compreende-se que será ao menos problemático buscar definir a natureza geral do *musical* em função de afirmações de uma prática musical determinada: nós devemos, sobretudo, evitar toda limitação a músicas já estabelecidas, interrogar o ouvinte sobre a generalidade de sua abordagem seletivamente musical dos sons, qualquer que seja o nível em que ele se encontre. (SCHAEFFER, 1966: 125-126)

A importância da função *entendre* na teoria de Schaeffer

A função *entendre* é claramente a mais importante para Schaeffer, não à toa é o termo escolhido para o título do livro II, onde as funções são definidas. *Entendre* representa as diferentes intenções que vão não apenas construir as especializações, mas também definir a própria escolha do objeto:

Em um fragmento orquestral eu posso visar o reconhecimento do instrumento, ou ainda desejar distinguir o tema, solfejar as notas, ou enfim apreciar o vibrato do violinista solo. A cada escuta minhas percepções diferem, de saída, pela escolha do objeto de escuta. Não preciso dizer que minhas outras atividades

concorrem com ela. Uma vez escolhido o objeto privilegiado (eu escuto [*écouter*]), eu dou ouvidos (ouço [*ouïs*]), aprecio isto que eu percebo [*entend*], e me refiro àquilo que já sei [*comprends*]. Mas tudo isto vale para o fagote e para o acorde, para o motor e para o ruído. (SCHAEFFER, 1966: 148)

Os quatro objetos listados no fim desta citação: fagote, acorde, motor e ruído, haviam sido pouco antes associados a cada uma das quatro funções, respectivamente: *entendre*, *comprendre*, *écouter* e *ouïr*. Não é claro, ao menos para mim, porque o fagote está associado ao *entendre*, mas deixarei isto de lado, pois o ponto exposto é mais importante. O que Schaeffer argumenta é que cada uma das quatro funções podem ser aplicadas a cada um destes objetos. De início parece confuso, pois o autor havia anteriormente associado cada função a um objeto de natureza diferente (qualificações, significados, fontes sonoras, fundo sonoro). Porém fica mais claro entendendo a proposta como uma relativização das quatro funções, similar à relativização feita com os pares de “tendências da escuta” – banal-especialista, natural-cultural –, onde se reconhece que cada um destes tipos de objeto associados a cada uma das funções na realidade passa pelas quatro funções. Ou seja, me parece que, na verdade, o que Schaeffer está fazendo neste ponto é colocar de forma mais sistemática a fluidez do modelo

que venho apontando neste capítulo.

Há, portanto, uma mudança significativa na correlação entre objetos e funções, que vai ser central para o próximo passo da pesquisa de Schaeffer. Passamos a ter objetos relativos à emissão do som (e.g. qual é o instrumento que emite som, quem é que o toca, qual seu nível de habilidade, etc.; previamente ligados à função *écouter*), objetos relativos a “efeitos” do som (e.g. afinação das notas, aspectos da linguagem musical, etc.; até então associados à função *comprendre*), o fundo sonoro que é cada vez mais entendido no *Traité* como um reservatório de possibilidades para a escuta (ligado à função *ouïr*) e por fim o objeto que Schaeffer chama até então de o “som em si mesmo” (associado à *entendre*), e vai em seguida definir com o nome de “objeto sonoro”.

Eu posso [...] me interrogar sobre o som propriamente dito, de um só golpe destacado dos dois polos da emissão musicista e do valor musical: um som desconhecido atinge meu ouvido, e sua estranheza me faz percebê-lo [*entendre*] para além de todo o índice concernente ao emissor e de todo valor de referência. Notemos, contudo que, enquanto instrumentista, é frequentemente assim que eu escuto [*écoute*] meu próprio som ou que eu trabalho minha voz, por exemplo. Após

muitos anos de exercício, que escuto eu que já não conheça, de meu instrumento ou de minha partitura, que não esta maneira corrente de modelar tal som *filé*, ou tal timbre de minha voz? (SCHAEFFER, 1966: 151)

Desse modo Schaeffer começa a separar os objetos da percepção em dois grupos, um externo ao som (que trata o som como índice ou signo) e outro que é o som propriamente dito. Schaeffer descreve a curiosidade que leva a este último da seguinte forma:

É aquela [curiosidade] do afinador "provando" o som, como se prova um vinho, não para dizer o ano, mas para distinguir suas virtudes. É também aquela do instrumentista, certo de sua afinação e de seu violino, mas que faz sem cessar o mesmo som, até que esteja satisfeito. Ele encontra, nesta escuta, índices e valores, mas não se contenta, ele nutre o som em si mesmo. (SCHAEFFER, 1966: 153)

A citação acima mostra que, na busca pelo "objeto sonoro", há a vontade de encontrar algo novo, ou melhor, uma maneira nova de lidar com aquele mesmo objeto potencial. O trecho a seguir também toca nesta ideia:

a escuta se tornará em direção a uma ou outra percepção exterior: aquela da origem do

som: os índices que revelam as circunstâncias do evento, ou aquela do seu significado: seus valores relativos a uma linguagem sonora determinada. Enfim, em um terceiro caso, se a intenção de escuta se *volta para o som ele mesmo*, [...] índices e valores são deixados para trás, esquecidos, renovados em proveito de uma percepção única, inabitual, mas, portanto irrefutável: *tendo desprezado a procedência e o sentido, percebe-se o objeto sonoro.* (SCHAEFFER, 1966: 155)

Portanto me parece que a busca pelo objeto sonoro está diretamente relacionada com aquela impossibilidade de se recorrer a práticas estabelecidas, argumentada por Schaeffer numa citação anterior, acerca da escuta especialista que precisa sempre se rever e nunca é especialista o suficiente. E principalmente, se relaciona com a "necessidade de uma revisão" que Schaeffer argumenta no início do *Traité* (17-19).

Esta busca por uma escuta nova deve então ser feita no que Schaeffer acredita ser um nível original do sonoro, e não em camadas "extra-sonoras", sobrepostas ao "som puro" pela acumulação de experiências em comunidades, que gerou convenções, sejam semânticas (linguagens musicais), sejam

maneiras de se produzir sons (instrumentos):

Através de uma curva imprevista da audição, ou então, mais prosaicamente, por um retorno inverso de percurso, um reagrupamento daquilo que parece de saída conduzir

inevitavelmente, de um lado à origem concreta do som, de outro à sua significação abstrata; recusando-se a esquatejar a escuta entre o acontecimento e o sentido, aplica-se mais e mais a perceber aquilo que constitui a unidade original, isto é, o objeto sonoro. Este representa então a síntese de percepções de hábitos dissociados.

Não saberíamos negar as aderências às significações ou às anedotas, nem rompê-las; mas pode-se inversamente visá-las, para tomar delas a origem comum. (SCHAEFFER, 1966: 155-156)

Nesta questão da busca por uma "origem comum" me parece conveniente apontar como isto ressoa uma discussão colocada no prefácio do *Traité*, que, a partir de uma citação de Lévi-Strauss, fala de uma vontade de se "reencontrar as estruturas permanentes do pensamento e da sensibilidade humana" e propõe que através da complementariedade entre "meios naturalmente dados" e "estruturas

culturais", muitas das "oposições superficiais" seriam resolvidas (10-11). É possível que, para Schaeffer, abstrato e concreto (tentando entrar momentaneamente no jogo de Schaeffer com estes conceitos) sejam no fim das contas apenas uma oposição de superfície, e o objeto sonoro uma tentativa de resolvê-la possibilitando o acesso a uma camada original, compartilhada por todos independente de hábitos ou condicionamentos. Deste modo, a "escuta reduzida" – nome dado a esta intenção de escuta da qual estive tratando, que leva ao objeto sonoro – deve ser entendida como o método para esta a busca, um método de descondicionamento, que levaria a camada original, possibilitando a construção da nova musicalidade generalizável desejada por Schaeffer.

Referências

CHION, M. *Guide to Sound Objects*. Trad. John Dack. Londres: EARS, 2009.

KANE, B. L'Objet Sonore Maintenant: Pierre Schaeffer, sound objects and the phenomenological reduction. *Organised Sound*, v. 12, n. 1, p. 15-24, 2007.

THORESEN, L. Sound, Pattern, and Structure: novel methods for analysing music-as-heard. In: *Anais do II SIMPOM*. Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

SCHAEFFER, P. *Traité des objets musicaux*: essai interdisciplines. Paris: Éditions du Seuil, 1966.